

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
BERNARDO PERESSONI LUZ

PLANO DE TRABALHO: Microviolências, subjetividade e *socius*.

Considere o seguinte cenário:

É época de vestibular. Maria, que é uma mulher negra, está estudando em um curso pré-vestibular por conta de seu desejo de entrar em uma universidade pública; ela seria a primeira da sua família a conseguir tal feito. Ela é filha de uma diarista e de um pedreiro, ambos apenas com o ensino fundamental completo, que dedicam horas do dia de trabalho para pagar o curso pré-vestibular da filha. Maria, após as aulas, volta para casa e cuida de seus dois irmãos mais novos enquanto seus pais trabalham, uma rotina que se estende a todos os dias da semana. Durante o final de semana, Maria trabalha como babá para ajudar nas contas de casa. Certo dia, em uma das aulas do curso, um professor diz: “quem deve passar no vestibular para estudar em uma universidade pública é aquele mais preparado, independentemente da cor” (DE ARAUJO, 2020, pp. 208).

Para alguns leitores essa história pode não conter qualquer ato violento, o comentário do professor pode ser encarado como “nada demais”, seria apenas a história de uma menina negra, pobre, que batalha para conseguir uma tão sonhada vaga em uma universidade pública, e que escuta do professor algo comum no imaginário do brasileiro: a pessoa mais bem qualificada merece a vaga. É exatamente a possibilidade de que “nada” ou de que “nada de muito grave” tenha acontecido com Maria que qualifica o acontecimento como uma *microagressão*: o comentário agride Maria de um modo que torna difícil a percepção clara da violência para Maria (mas que a deixa desconfortável), para o próprio professor e para muitas das pessoas que presenciam a cena - com a consequência adicional de que o próprio direito de resposta por parte de Maria pode ser dificultado ou tolhido, afinal, caso ela se opusesse a tese meritocrática defendida pelo professor, muitos dos alunos poderiam não concordar com ela.

São situações próximas a história de Maria que este trabalho busca discutir. Sue (2010) desenvolve uma sugestão inicialmente feita por Chester Pierce (1970) sobre a noção de microagressões. Nas palavras de Sue, as microagressões são

as ofensas verbais, comportamentais e ambientais, breves e cotidianas, intencionais ou não, que produzem insultos e esnobadas por conta de sua hostilidade, caráter diminuidor ou negativo associado a características raciais, de gênero, de orientação sexual ou de crença religiosa da pessoa ou grupo-alvo. (SUE, 2010, p. 5).

Ele descreve três subcategorias das microagressões: *microinsultos*, *microafrontas* e *microinvalidações*. Essas subcategorias são relevantes enquanto nos ajudam a identificar melhor diferentes lugares e formas pelas quais as microagressões podem se expressar e porque elas nos ajudam a discriminar diferentes *microdanos* que podem atingir de modo distinto diferentes vítimas. Em outras palavras, essa divisão é interessante na medida em que aumenta nossa sensibilidade com situações como essa, permitindo novas formas de ver cenas como a de Maria.

Descrever o comentário do professor como uma microagressão - e não apenas como uma simples agressão - traz vantagens teóricas importantes, já que permite que vejamos, nesse caso específico, mais facilmente dois pontos importantes: 1) a *ignorância construída*¹, que pode acometer o professor caso ele tenha feito a declaração por acreditar na tese meritocrática sem, não-maliciosamente, ter se dado conta de suas consequências sociais nefastas para pessoas na condição de Maria e 2) a tensão provocada em Maria por conta da repetição de um comentário que por vezes ela sabe que é falso, que está ligado a consequências danosas que ela sente cotidianamente e que, ao mesmo tempo, torna uma réplica à declaração algo que pode ser socialmente penoso (“Maria ficou toda nervosinha por pouca coisa...”).²

Para a própria Maria a identificação do ataque pode ser coberta por camadas de ignorância construída. Ela pode entender a fala do professor como verdadeira e justa. Pode, inclusive, se colocar numa posição em que exija mais de si, afinal “só depende dela” e talvez ela pense que deva “trabalhar enquanto os outros dormem”. Em caso de insucesso, pode se sentir burra, incapaz e inferior aos colegas de sala brancos que foram aprovados no vestibular, já que ela não foi capaz; não considerando (ou seja, ignorando) as diferenças estruturais e sistemáticas circunscritas na cena. E, claro, estes riscos de internalização - e o eventual sofrimento provocado por isso - tornam-se potencialmente mais graves quando se considera a ampla divulgação e aceitação do discurso meritocrático, o que torna comentários como o do professor mais frequentes e mais naturalizados (Melo & Schucman, 2022).

Este texto, então, busca pensar situações análogas a de Maria, busca oferecer uma análise do que há - ou quais são os componentes - nas microagressões e desenvolver mais

¹ Uma discussão importante sobre a ignorância construída inicia com o texto de Charles Mills, *Ignorância Branca* (MILLS, 2018). Para mais sobre a discussão do conceito de ignorância ver Gross & McGoey, (2015).

² Um amplo conjunto de autores discutem aspectos das diferenças estruturais associada à raça (por exemplo, Gonzalez (2020), Carneiro (2005, 2023), Schucman (2012), Fanon (2012), Nogueira (2021), Bento (2022) apontam para a discrepância de condições de existência associados à raça. Melo e Schucman (2022) nos apresentam uma discussão sobre mérito e raça e Almeida (2019) fala sobre a perversão da ideia de meritocracia no Brasil, temas muito úteis para explicitar as sutilezas do caso de Maria.

aprofundadamente o conceito em questão. Uma compreensão mais aprofundada das nuances desses acontecimentos permite um aumento na sensibilidade de quem está em relação com eles. O uso de um conceito e um aumento de sensibilidade em relação a esse ou aquele acontecimento cria uma nova forma de ver e sentir o mundo, percebendo coisas que antes talvez não estivessem em nosso campo de percepção. Essas mudanças de sensibilidade podem estar envolvidas no sistema legal, nas relações do dia-a-dia, no atendimento psicológico, etc.

Para pensar este tema, conceitos adjacentes surgem, como: violência, agressão e microviolência; para tal, buscarei oferecer ao leitor uma análise destes conceitos, que busca marcar suas diferenças. Partindo de uma perspectiva inspirada na filosofia de Espinosa, de Bergson e na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari (além, claro, de outros autores que conversam com as inspirações citadas), buscarei analisar: 1) o conceito já estabelecido de microagressão³, 2) o conceito de agressão, 3) o conceito de violência e 4) finalmente defenderei que “microviolência” talvez seja um conceito de análise mais interessante do que a microagressão, partindo de diferenças conceituais entre a noção violência e de agressão, que envolvem, principalmente, diferenças de intencionalidade; para então discutir as conexões entre as microviolências o processo de subjetivação e o *socius*.

Assim, propondo a criação do conceito de microviolência, viso um modelo teórico que seja capaz de analisar mais sensivelmente as relações singulares com os atos violentos (mais especificamente violentos sutilmente, discretamente, indiretamente). Essa criação se inspira na perspectiva de filosofia discutida no livro *Diálogos*, de Deleuze & Parnet (1998). Lá, Deleuze discute sobre como parte do papel de alguém que deseja fazer filosofia é criativo. Criativo no sentido de inventar novas formas de ver o mundo, novas formas de se afetar com determinados acontecimentos ao criar um novo pensamento, conceito. É um papel, em última instância, de tentar aumentar a sensibilidade de quem tem contato com uma ideia.

Esse papel criativo, visando a expansão da linguagem - por exemplo, se justifica no sentido de buscar uma melhor aproximação da linguagem à realidade dos corpos, dos movimentos, do que Espinosa chama de “extensão”. Nesse sentido, a discussão teórica sobre as diferenças e semelhanças entre os conceitos de “agressão” e “violência” apresentam

³ Ver: PIERCE, C. 1970. *Offensive Mechanisms*. In: BARBOUR, Floyd, *The Black Seventies* Boston: P. Sargent.

SUE, D. W. 2010. *Microaggressions in Everyday Life - Race, Gender, and Sexual Orientation*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

nuances que parecem indicar o conceito de violência como mais amplo, com uma forma aparentemente mais capaz de capturar a imanência dos atos que busco discutir aqui. As pesquisas em microagressão têm mostrado alguns fenômenos que parecem indicar para coisas como: elas não necessariamente são intencionais, uma potência de análise dela está mais colada a uma análise do fenômeno em si do que dos estados mentais dos envolvidos, etc. Isso justificaria, no mínimo, um espaço de discussão onde uma análise conceitual pode trazer vantagens para o uso desta ferramenta para a prática clínica, jurídica, estatal, entre outras.

Essa análise, então, busca pensar os componentes mínimos necessários para classificarmos um ato como “sutilmente violento”, ou microviolento, para que sejamos capazes de identificá-los com mais facilidade, além de sugerir que existem conexões entre as microviolências, o *socius* e o processo de subjetivação. Este texto não busca exaurir todas as nuances possíveis envolvidas na discussão sobre a violência, mas sim caracterizar seus componentes mínimos (como por exemplo uma tentativa de definição do que é uma tapioca. Ela não necessita de uma especificação do seu recheio, apesar dele poder ser relevante - como no caso de um vegetariano querendo saber se há carne na tapioca - ele não é necessário para a compreensão do que é uma tapioca).

Essa análise é atravessada por diversas forças: a teoria de fundo usada para a análise, a posição em que se olha para este conceito, quem olha pro conceito, os enfoques que a discussão tomará, a sensibilidade de quem vê, etc. Sendo assim, é necessário assumir que não há uma neutralidade na análise e que ela é sim permeada por perspectivas específicas. Este texto é escrito por um homem branco que busca aprofundar sua compreensão sobre acontecimentos microviolentos e uma tentativa de compreensão do que autoriza e naturaliza esse tipo de relação.

Inspirado na discussão sobre o sofrimento ético-político, feita por Sawaia (2014), faço - também - a escolha de pensar as microviolências a partir da afetividade. Essa escolha acontece por alguns motivos, sendo eles: 1) uma tentativa de fuga de uma análise moralista sobre a noção de violência, entendendo que esse tipo de análise pode nos dessensibilizar de algumas sutilezas das relações violentas; 2) a afetividade nos traz para uma análise singular da relação, buscando a apreensão da imanência dos acontecimentos em questão, esse tipo de análise busca compreender como os envolvidos na relação são afetados pela violência, considerando a possibilidade de atribuições singulares e diferentes de “violento” para um ato, focando em analisar *o que há* numa relação violenta e quais seus efeitos singulares; 3) uma análise que olha positivamente para a afetividade “[...] nega a neutralidade das reflexões [...]” (Sawaia, 2014, pp 100), o que permite uma compreensão de que: não apenas este texto

não é neutro como a análise e atribuição de “violento” (ou “microviolento”) para determinados atos também não é, variando de acordo com a sensibilidade afetiva e perceptiva de cada um. Esse tipo de análise enriquece a discussão e assume que nós humanos não somos seres perfeitamente racionais, conscientes e imparciais, mas sim que somos atravessados por concepções morais, preconceitos, hierarquizações sociais, estéticas, hábitos etc, e que a linguagem - como nos apontam Deleuze e Guattari (2011, platô 2) - não é universal.

Contando com isso, utilizarei duas esferas de análise, uma delas que foca na relação singular, específica, em que a violência acontece. Essa esfera, chamada de “micropolítica”, busca compreender a relação entre os níveis mais amplos das diferenças sociais e os níveis mais específicos, onde ideias compartilhadas socialmente se expressam através das relações diretas entre duas ou mais pessoas. Ao mesmo tempo, oferecerei uma análise da esfera chamada “macropolítica”; aqui, busca-se compreender as esferas institucionalizadas do social, ou seja, fenômenos que se repetem através de diversos contextos, como as leis, a moral, a religião, etc. Em resumo, uma das esferas busca uma análise do singular e do que se diferencia e a outra busca uma análise do que se repete e se enrijece no seu modo de funcionamento (Guattari & Rolnik, 1986). Aqui vale ressaltar que, apesar desta divisão conceitual, ambas as esferas estão em contato, se afetando ao mesmo tempo. Somado a isso, proponho uma análise que, além de considerar aspectos afetivos e políticos, busque compreender a violência eticamente, utilizando da compreensão ontológica proposta por Espinosa (2011).

Com isso em mente, este texto busca discutir o tema tentando proporcionar dois tipos de leitura filosófica: a leitura especializada e a não especializada. Deleuze em “O abecedário de Gilles Deleuze” (Parnet, 2010) e em “Diálogos” (Deleuze, 1980) discute sua compreensão da leitura filosófica e apresenta estes dois modos. Segundo ele, a leitura especializada é o que comumente pensamos como o trabalho da filosofia tradicional: uma discussão conceitual, preocupada com uma boa definição do conceito que se discute, buscando definir os componentes mínimos necessários para este ou aquele conceito e se preocupando com a consistência teórica. Esse tipo de leitura, como o nome sugere, é comumente feita por especialistas. Estes estão interessados em ir no detalhe do conceito, criar novas formas de pensar sobre o tema, talvez criando novos conceitos, e propor uma definição coerente.

A leitura não especializada é feita por qualquer um - e me parece que para Deleuze é a mais interessante. Essa leitura não especializada não se preocupa necessariamente com os mínimos detalhes e nuances da discussão, ela está interessada - em primeira instância - em uma **mudança de sensibilidade**. É o tipo de leitura que fazemos de romances, por exemplo.

Não nos preocupamos necessariamente com todos os detalhes da história, lemos para sermos afetados, para nos encontrar com outras perspectivas e modos de vida, aumentando nossa sensibilidade ao ver, ouvir, sentir algo. Talvez o livro de Valter Hugo Mãe “Filho de mil homens” (Mãe, 2016) possa ser um bom exemplo. Ele não é um livro teórico de psicologia, mas ele é capaz de capturar com extrema sensibilidade a vivência que atinge uma pessoa com deficiência em uma comunidade preconceituosa. Em resumo, a leitura especializada está preocupada com uma consistência teórica e com a criação de conceitos, enquanto a leitura não especializada está preocupada com a afetação da ideia em quem lê e com uma mudança na forma de ver e sentir o mundo, ampliando a compreensão do que nos toca.

Notem que ambas as leituras conversam entre si. Novas ideias permitem novas formas de ver e sentir o mundo e novas formas de ver e sentir o mundo permitem novas ideias. Quando algo nos afeta, esse movimento permite que algo novo surja, expandindo nossa existência no mundo. A arte é um meio de sentir, ver, ouvir, etc, novas experiências e que por vezes nos levam a pensar a vida de uma forma diferente. A filosofia faz o caminho contrário. Apesar desta divisão, ambas as formas expandem nossa existência e é por isso que aqui busco tentar extrair algo de ambas os caminhos. É esse o motivo da escolha de escrever este texto com cenas. Por vezes a explicação teórica não dá conta de gerar uma nova forma de se relacionar com o acontecimento, mas talvez uma cena possa auxiliar nesse processo, e vice-versa.

Com isso em mente, este texto visa discutir detalhadamente um conceito, se preocupando com a sua consistência interna e com seu poder explicativo, ao mesmo tempo que busca trazer breves cenas que visam criar figuras-imagens de situações ditas violentas, tentando criar uma possibilidade de afetação que, caso bem-sucedida, possa ajudar o leitor a aumentar sua sensibilidade em relação às ideias aqui discutidas.

Pela preocupação deste texto em realizar uma boa análise, parece interessante recorrer ao campo do pensamento que já faz isso há milênios: a filosofia. A metodologia aqui usada consiste, resumidamente, em uma análise - ou seja, uma decomposição, uma separação - de uma *expressão de partida* vinda do vocabulário natural. A partir dela, busca-se alcançar uma *expressão de chegada* que, caso a análise seja bem feita, seria uma expressão capaz de substituir a *expressão de partida* mantendo o mesmo significado, explicitando informações que talvez estivessem implícitas na *expressão de partida* (Brito & Chiang, 2002). Este é uma ferramenta metodológica de fundo que se preocupa com a discussão com leitores especializados, utilizando-me de exemplos e contra-exemplos pra pensar os conceitos discutidos.

O vocabulário natural diz sobre o uso cotidiano de determinadas expressões, como por exemplo quando alguém diz que algo foi violento; o que isso comunica? O que isso informa? O que há nos acontecimentos que dizemos serem violentos? Qual a diferença entre acontecimentos ditos violentos e não violentos? Qual o efeito dessa atribuição na relação com a realidade? E no sujeito? O que isso muda na realidade? E no sujeito? É isso que buscarei fazer aqui, analisar conceitos (como violência, agressão, microagressão e microviolência) a partir do seu uso cotidiano, objetivando uma compreensão mais aprofundada do que dizer que há uma “violência” - por exemplo - significa. É uma tentativa de apreensão do que estes termos, em seu sentido mais primitivo, dizem. Isso implica, então, numa compreensão de que o que será feito aqui é uma análise da linguagem, que carrega consigo significados e usos que são relevantes, por exemplo, para a interação social, para o processo de subjetivação, para políticas públicas, etc.

A compreensão mais aprofundada de determinadas expressões nos permite uma aproximação do terceiro gênero de conhecimento proposto por Espinosa (2021): a intuição. A capacidade de apreender determinado acontecimento em sua imediatez, sem o atravessamento de julgamentos morais, buscando (assim como Sawaia) uma tentativa de análise através da afetividade. É uma busca por aumentar a força explicativa ao redor dos conceitos aqui discutidos (Luna, 1997). Assim, além dessas ferramentas apresentadas, usarei como método base a proposta da Intuição de Bergson. Por se tratar de uma pesquisa que primariamente usa do pensamento, o método filosófico de Bergson busca aproximar o pensamento da imanência dos atos. Isso implica dizer que é uma tentativa de fuga de uma análise moral dos conceitos e uma tentativa de captura dos movimentos que acontecem através do tempo. O método intuitivo, então, se operacionaliza numa tentativa de captura do objeto, do acontecimento, sem representação, buscando ir direto à essência do real. Para isso, três conceitos de Bergson são relevantes: duração, memória e *elã vital*. Em resumo, proponho a utilização do método intuitivo de Bergson, utilizando de outras ferramentas da filosofia (como discutido acima), para pensar os termos microagressão, agressão, violência e microviolência. Em outras palavras, utilizarei do método e ferramentas citados para pensar sobre o uso dessas palavras na língua brasileira.

Com isso em mente, é necessária uma compreensão da linguagem. Deleuze e Guattari nos oferecem um olhar sobre a linguagem no livro *Mil Platôs* (Vol. 2). Para eles, ela pode ser compreendida como uma máquina que agencia desejos, como algo que “comanda” acontecimentos. Isso implica dizer que a linguagem produz realidade, movimento. Para eles, “[...] podemos considerar a formalização da expressão como autônoma ou suficiente.” (pp.

64), o que parece reforçar a ideia de que: partir da expressão utilizada na *linguagem natural*, é um caminho interessante para pensar como, por exemplo, a nossa atribuição de violência para determinados atos produz um modo de relação com esses atos. Além disso, Deleuze e Guattari se colocam como autores que se expressam através de uma literalidade. Na primeira página do primeiro livro escrito pelos dois autores eles dizem: Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos e conexões. Assim, esta discussão busca chegar a uma compreensão dos componentes dos conceitos aqui discutidos em sua literalidade, num sentido não metafórico. É uma discussão que busca fugir de uma lógica “é como se fosse tal coisa” para uma lógica: é tal coisa.

Essa compreensão da literalidade nos aproxima de como o “comando” da linguagem afeta realmente como nos relacionarmos com o mundo. Se pensarmos, por exemplo, numa situação em que alguém nos diz: não coma este cogumelo, ele é venenoso. Parece prudente de nossa parte não comer o cogumelo, sob o risco de vida. A linguagem, então, é uma forma de se relacionar com o mundo e ela pode influenciar diversas esferas do social e, quanto mais próximo do acontecimento real a linguagem tiver, mais próximo da compreensão do que se passa na realidade podemos chegar.

Majid & Burenhult (2013) realizaram um estudo que visava questionar algo que era um relativo consenso na literatura sobre nossas habilidades olfativas: não é possível traduzir um cheiro, com precisão, em palavras. As pesquisadoras desconfiaram que tal afirmação era feita por terem apenas dedicado estudos a populações ocidentais, em que a linguagem não dispõe de palavras que descrevam cheiros com precisão. Ao realizar um estudo com o povo Jahai, da península da Malásia, as pesquisadoras identificaram que os membros dessa comunidade não apresentavam dificuldade de identificar e nomear cheiros, elas descrevem que suas habilidades em relação a cheiros são análogas a habilidade de ocidentais em descrever cores. Este talvez seja um forte exemplo de como a linguagem pode influenciar nossa forma de ver e sentir o mundo.

Pensando no escopo deste trabalho, uma compreensão do que há na violência e do que há numa microviolência pode nos ajudar a identificar mais precisamente o que está envolvido em acontecimentos ditos violentos, podendo influenciar, por exemplo, na formulação de políticas que compreendam as nuances e os efeitos desses tipos de acontecimento; ou, por exemplo, uma melhora na intervenção clínica de pessoas vítimas de violência, por haver uma compreensão mais aprofundada e fundamentada dos elementos presentes numa relação como essa. Isso auxiliaria o profissional clínico a direcionar sua atenção para determinados efeitos que poderiam ficar obscuros.

Somado a isso, Deleuze e Guattari tomam uma postura que compreende que a linguagem não é universal, ou seja, ela é utilizada de diferentes maneiras por diferentes pessoas em diferentes contextos. É ingênuo imaginar que este trabalho consiga, ou mesmo queira, propor qualquer tipo de definição conceitual que não leve em consideração as forças que interagem com as atribuições de violência para determinados atos. Aqui, busca-se uma tentativa de explicação que seja capaz de apreender a essência do conceito, que carregue em si exatamente essas variedades de uso. Esta análise se funda, então, numa compreensão de que os usos dos termos aqui discutidos são contextuais e singulares, que cada pessoa terá seu modo de adjetivação singular de determinados acontecimentos, de acordo com a capacidade sensível de cada um.

Uma análise conceitual para a psicologia se mostra relevante na tentativa de uma criação de novos modos de ver um acontecimento, aumentando a sensibilidade de quem analisa, permitindo uma mudança na percepção e na afetação que se tem com determinado pensamento. Wittgenstein (1975) diz: "existem na psicologia métodos experimentais e *confusão conceitual*" (p. 226). Me parece interessante darmos um passo em direção a um esclarecimento conceitual, neste caso sobre as microviolências e seus conceitos adjacentes, para uma melhora na caixa de ferramentas conceituais da psicologia, ainda mais em relação a conceitos que são frequentemente usados nesta área, como a violência e a agressividade.

Além da metodologia discutida até agora, este trabalho se propõe a fazer uma revisão narrativa sobre a discussão já existente sobre os conceitos de microagressão, agressão e violência⁴. A revisão narrativa consiste, em resumo, em uma discussão sobre a literatura existente mais atual encontrada pelo escritor do texto em questão. No caso desta dissertação, consiste em uma discussão teórica que rodeia os conceitos já mencionados. Esta metodologia não se preocupa em realizar uma análise quantitativa e sistemática de publicações sobre determinado tema, mas sim uma análise qualitativa da literatura disponível para o autor, onde - a seu critério - são escolhidos os textos que parecem mais interessantes para compor a discussão proposta aos olhos do escritor. Consiste, em última instância, em uma análise qualitativa da discussão já existente sobre um tema (Steil, 2021; Rother, 2007).

Contando com tudo dito até agora, este texto começa a desenhar uma organização interna, que auxilia a guiar a discussão para um caminho consistente. Assim, alguns objetivos

⁴ Como em: Hannah Arendt (1972), Françoise Vergès (2021), Elsa Dorlin (2020), Marilena Chauí (2021), Allen & Anderson (2017), Benjamin (2015), Baron & Richardson (1994), Bushman & Huesmann (XXX); DeWall, Anderson & Bushman (2012), Pierce (1970) e Sue (2010)

surgem, operando quase que como perguntas guia (Zanella, 2013) para a pesquisa. Sendo o objetivo geral: propor um modelo teórico que seja capaz de contribuir com a análise do que há em relações microviolentas; objetivando mais especificamente: 1) analisar os conceitos de violência, agressão e microagressão, propondo o conceito de microviolências, 2) conectar o conceito de microviolências com a noção de sofrimento ético-político e de *socius* e 3) analisar teoricamente a relação entre microviolências e os processos de subjetivação.

Referências

- ALMEIDA, S. ***Racismo estrutural***. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANDERSON, C. A.; BUSHMAN, B. J. **Human aggression**. *Annual Review of Psychology*, v. 53, p. 27–51, 2002. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231.
- BENTO, C. ***O pacto da branquitude***. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BROWN, A. **“Microaggression” top word of 2015**. *Minnesota Brown*, 27 dez. 2015. Disponível em: <http://minnesotabrown.com/2015/12/microaggression-top-word-2015.html>.
- BRITO, E. F. de; CHIANG, Luiz Harding (Org.). ***Filosofia e Método***. São Paulo: [s.n.], 2002. v. 15, p. 125-145.
- CARNEIRO, A. S. ***A construção do outro como não-ser como fundamento do ser***. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. ***Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser***. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). ***Atlas da violência 2024***. Brasília: Ipea; FBSP, 2024.
- DE ARAÚJO, R. C. M. **Microagressões e o silenciamento na academia**. *Entropia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 202-217, 2020.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *Diálogos*. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 2.

ESPINOSA, B. de. *Ética*. Edição bilíngue. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 2019.

FRICKER, M. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GROSS, M.; MCGOEY, L. *Routledge International Handbook of Ignorance Studies*. 1st ed. New York: Routledge, 2015.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HUR, D. U. *Psicologia, política e esquizoanálise*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2019.

LA BOÉTIE, É. de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo: Edipro, 2020.

LAURENTI, C. **Trabalho conceitual em psicologia: pesquisa ou “perfumaria”?** *Psicologia em Estudo*, v. 17, p. 179-181, 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2015.

LILIENFELD, S. O. **Microaggressions: Strong claims, inadequate evidence.** *Perspectives on Psychological Science*, v. 12, n. 1, p. 138-169, 2017.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1997.

MAJID, A.; BURENHULT, N. **Odors are expressible in language, as long as you speak the right language.** *Cognition*, v. 130, n. 2, p. 266-270, 2014.

MATTOS, L.; VENANZI, V.; SANT'ANA, P. **A prática das artes marciais reduz a violência?** *Revista MotriSaúde*, v. 3, n. 1, p. 10, 2021. Disponível em: http://portal.fundacaojau.edu.br:8078/journal%20-%20Copia/index.php/revista_motrisaude/article/view/266.

MELO, W. da C.; SCHUCMAN, Lia V. **Mérito e mito da democracia racial.** *Revista Espaço Acadêmico*, v. 21, p. 14-23, 2022.

MEYER, I. H. **Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence.** *Psychological Bulletin*, 2003.

MILLS, C. **White ignorance.** In: SULLIVAN, Shannon; TUANA, Nancy (ed.). *Race and epistemologies of ignorance*. Albany: State University of New York Press, 2007. p. 247-264.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze.** Site Dossiê Deleuze, 2010.

PASSOS, G. D. O.; GOMES, M. B. **Nossas escolas não são as vossas: as diferenças de classe.** *Educação em Revista*, v. 28, p. 347-366, 2012.

PEELS, R. **The epistemic dimensions of ignorance.** New York: Cambridge University Press, 2016.

PIERCE, C. M. **Offensive Mechanisms.** In: BARBOUR, Floyd. *The Black Seventies*. Boston: P. Sargent, 1970.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

_____. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X Revisão narrativa**. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, p. v-vi, 2007.

SAWAIA, B. B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: _____ (Org.). *As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, p. 96-118, 2001.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STEIL, A. V. **Diferenças e similaridades entre revisão sistemática, revisão de escopo, revisão integrativa e revisão narrativa**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. [Material de apoio de aula online].

SUE, D. W. *Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation*. 1st ed. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010.

WINCH, R. *Jornalismo e pobreza: lugares para as fontes de classes populares e desigualdade social naturalizada*. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. J. C. Bruni. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Original publicado em 1953).

ZANELLA, A. V. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2013.